

O VERBO ESTAR EM FORMAÇÃO PERIFRÁSTICA COM PARTICÍPIOS VERBAIS: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Paula Cristina dos REIS*

ABSTRACT: This paper is to show you some referrals and proofs about the process of grammaticalization of periphrastic formations involving the verb “estar” + participle verbal. In the first part of this work were presented some considerations about the process of grammaticalization beyond the vision and findings of some researchers on the topic. Then, some parameters of measurement and verification have been described and, later, in an attempt to prove the hypothesis that the verb “estar” + participle verbal would be in the process of grammaticalization, data were tested and analyzed using the parameters and principles explained above.

KEYWORDS: verbs; grammaticalization; periphrastic formations.

1. Introdução

Desde o século XIX são desenvolvidos estudos que tentam explicar como se originam e se desenvolvem as classes gramaticais e como palavras sofrem mudança de classe no decorrer do tempo.

O uso repetido de uma forma ou expressão faz com que algo que era casuístico acabe por se fixar na língua, tornando-se normal. Portanto, a frequência no uso de determinada forma ou expressão é fator primordial para a geração de uma mudança. A repetição leva ao enfraquecimento da força semântica de uma forma pelo hábito, ou seja, as formas tornam-se mais gerais quanto aos seus significados. É essa perda de transparência semântica que faz com que determinada forma ou expressão seja empregada em novos contextos, com novas associações, estabelecendo a mudança semântica.

A gramaticalização é um subconjunto da mudança linguística, é “um tipo de mudança sujeita a certos processos gerais e caracterizado por certas consequências, tais como a mudança na gramática” (Traugott & Heine, 1991:3). É preciso que fique claro, no entanto, que nem toda mudança gramatical constitui um caso de gramaticalização.

Considerando a teoria variacionista e o processo de gramaticalização, este estudo tem como objetivo uma breve análise da opção do falante na utilização, em alguns contextos, da forma reduzida *tá* em detrimento à forma canônica *está*, em formações perifrásticas com participípios verbais.

Analisando o objeto de estudo e vislumbrando possíveis respostas a respeito do processo de mudança pelo qual vem visivelmente passando, surge a hipótese-base desta análise: o verbo *estar*, quando em formação perifrástica com um participípio verbal, apresenta-se em pleno processo de gramaticalização.

Na tentativa de comprovação de tal hipótese, foi optado por um levantamento teórico acerca das principais vertentes de estudos sobre gramaticalização, bem como dos principais princípios e parâmetros que pudessem servir como base em uma futura análise de casos. Como conclusão as teorias e postulações levantadas foram contrastadas com exemplos reais encontrados na fala cotidiana de brasileiros natos.

* Mestranda; Universidade Federal do Paraná

2. Processos de gramaticalização

Inúmeros estudiosos postulam definições para o processo de gramaticalização, entretanto, não é objetivo deste artigo fazer um levantamento histórico-comparativo entre eles e sim utilizar-se de algumas das postulações para encaminhar estudos na direção da comprovação dos processos de gramaticalização no verbo *estar* em formação com participios verbais.

Castilho (1994), define gramaticalização como “o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (=recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.”

Lehmann (1982) a define como o “processo que consiste na passagem de um item lexical para um item gramatical” e postula cinco importantes princípios pelos quais a gramaticalização é regida: paradigmaticização, obrigatoriedade, condensação, coalescência e fixação.

Segundo o princípio da paradigmaticização, a forma que foi gramaticalizada passa a pertencer a um novo paradigma e, regido pelo princípio da obrigatoriedade, passa a obedecer às regras e princípios do paradigma em que se inseriu.

O terceiro princípio diz respeito às formas gramaticalizadas simplificarem-se, assim como os constituintes com os quais ela se relaciona.

O princípio da coalescência afirma que as formas adjacentes desaparecem e, segundo o princípio da fixação, as novas formas originadas da gramaticalização perdem a liberdade sintática.

Duas importantes postulações foram feitas por Givón: a primeira, feita em 1971, diz que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, e a segunda, de 1979, afirma que “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”. Essas postulações, retomadas por Lehmann, em 1982, foram sintetizadas da seguinte maneira:

Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero.

Segundo estudos dirigidos por Braga (1994), é possível se valer dessa escala feita por Givón, e ajustá-la para os acontecimentos de gramaticalização das formas verbais. Podemos considerar para esse processo as fases:

Verbo Pleno > Verbo Auxiliar > Clítico > Afixo > zero

A transformação de um verbo pleno em um verbo auxiliar corresponde a um processo nomeado de sintaticização. Na passagem do verbo auxiliar para clítico e, em seguida para afixo, temos a morfologização; já a passagem de afixo para zero, corresponde a desmorfologização. A sintaticização em verbos deve ser entendida como a fase em que um verbo auxiliar evolui a partir de um verbo principal.

Uma vez tendo ocorrido no verbo o processo de sintaticização, a tendência é que o verbo auxiliar caminhe para um processo de morfologização. Nesse processo acontecerá a transformação do verbo auxiliar em clítico e, posteriormente, poderia ocorrer também a afixação dele junto ao verbo nominal com o qual se junta na formação perifrástica.

Em caso de gramaticalização de verbos, é possível encontrar na teoria da gramaticalização fatores que indicam que o verbo auxiliar tende a sofrer um processo chamado de *erosão*. Nesse processo, o verbo auxiliar sofre redução fonológica e se torna

mais dependente do verbo principal.

Heine (1993) postula que os efeitos da *erosão* são vários, entre eles é interessante citar:

- Itens polissilábicos tornarem-se monossilábicos.
- Sons complexos serem substituídos por sons mais simples.
- A marcação do acento tônico tende a ser perdida.

Bons exemplos são fáceis de serem encontrados na utilização do verbo *estar* + *particípio*, no português falado no Brasil :

- (1) “ Você não vai sair e *tá encerrado*”.
- (2) “ O meu dever de casa já *tá feito*”.
- (3) “ O aluno *tá reprovado*”.
- (4) O carro é velho, mas *tá pago*.

Em qualquer um desses exemplos, é possível observar um visível processo de erosão em que o dissílabo *estar* tornou-se um monossílabo, tendo sua primeira sílaba omitida/apagada.

Apesar da existência de correntes diversas no que tange a explicação do processo de gramaticalização, é comum encontrarmos uma unidade de ideias a respeito da gramaticalização enquanto um fenômeno de redução ou perda. Entre outras perdas, é possível citar certamente a perda de variabilidade sintática – tornando-se cada vez mais fixo dentro da frase, de complexidade semântica e de substância fonética.

Em Lehmann (1982) encontramos seis parâmetros que estabelecem critérios para aferição do grau de gramaticalização de uma palavra. Tais critérios são de melhor visualizados no quadro que segue:

PARÂMETRO	GRAMATICALIZAÇÃO FRACA	PROCESSO	GRAMATICALIZAÇÃO FORTE
Integridade	Conjunto das propriedades semânticas Possivelmente polissilábico	Desgaste	Pouca propriedade semântica
Coesão paradigmática	Dentro do seu paradigma, o item participa escassamente no campo semântico	Paradigmatização	Fortemente integrado ao paradigma
Variabilidade paradigmática	Livre escolha dos itens de acordo com as intenções comunicativas	Obrigatorização	Escolha sistematicamente restrita e uso largamente obrigatório
Escopo	O item é constituído de construções de tamanhos variados	Condensação	O item modifica uma palavra ou raiz. Reduz-se o tamanho do escopo
Conexidade	O item é justaposto independentemente	Coalescência	O item é afixo ou suporte de traço fonológico
Variabilidade sintagmática	A posição do item nas estruturas é mais livre	Fixação	O item procura lugares gramaticais fixos

Lehmann (1982) reconhece como *integridade* de um signo o seu tamanho substancial que lhe permita manter a identidade. Esse tamanho, citado pelo autor, diz respeito tanto a questões semânticas quanto morfológicas. A diminuição da integridade semântica é chamada pelo autor de *desemantização*, já a fonológica, de *atrição fonológica*. O *escopo* é definido

pelo autor como o tamanho estrutural da construção que um item ajuda a formar.

A questão da *paradigmaticidade* é descrita pelo autor como a integração semântica de um paradigma enquanto um todo e como a integração de uma subcategoria dentro de um paradigma.

A *coesão sintagmática* diz respeito ao grau com que um item se conecta a outro numa relação, obviamente, sintagmática. Conforme o grau de gramaticalização avança, o grau de conexão também. Assim, existem conexões de justaposição, num primeiro momento, até que ocorra, numa última instância, a fusão de um item ao outro.

A *variabilidade paradigmática* é a liberdade de escolha que o usuário de uma língua possui para optar entre um ou outro item dentro de um paradigma. De acordo com Lehmann (1982), a liberdade de escolha do item é inversamente proporcional ao avanço do processo de gramaticalização, ou seja, à medida que o processo avança, o item passa a ser cada vez mais obrigatório em determinado paradigma.

Ainda segundo o mesmo autor, a *variabilidade sintagmática* diz respeito à mutabilidade posicional que um item tem em relação a outro dentro do sintagma. A exemplo também da *variabilidade paradigmática*, a *sintagmática* diminui à medida que o processo de gramaticalização avança.

3. Os parâmetro de Lehman X *estar+particípio*

Para que se possa descrever de forma mais clara e objetiva o processo e os estágios de gramaticalização que se encontra o objeto de estudo deste artigo, optou-se, aqui, em buscar exemplos cotidianamente encontrados no português brasileiro falado e demonstrá-los à luz dos parâmetros de Lehman.

Em relação à *integridade*, é possível observar que o verbo *estar* passou por visíveis reduções fonológicas e morfológicas. A linha abaixo, que demonstra de forma bastante simples o processo evidente que foi sofrendo o verbo *estar*, é capaz de deixar ainda mais clara a afirmação das reduções:

“Esta conta já *está paga*” → “ Esta conta já *stá paga*” → “Esta conta já *tá paga*” → “Esta conta já *ta paga*” → “ Esta conta *tapaga*”

Observe-se, sequencialmente, a forma inicial sem redução, já a próxima marcada com uma redução fonológica de omissão da vogal “e”, em seguida uma redução fonológica e morfológica, passando de *estar* para *tá*, em que o monossílabo ainda é marcado com acento tônico, e por último a perda da tonicidade da forma reduzida, formando, posteriormente, com o particípio verbal, uma única palavra fonológica em que o *ta* átono se junta ao *pa* tônico e ao *ga* átono

Analisando de forma um pouco mais detalhada as formações citadas acima, tomemos a seguinte ordem como base:

(5) Jorge, não tem que se preocupar com o imposto porque a conta já tapaga!

Utilizando do exemplo acima aos moldes da linha de análise proposta anteriormente, pode-se, hipoteticamente, observar que a realização exposta em (5) possuiu os seguintes antecedentes:

(5.1) Jorge, não tem que se preocupar com o imposto porque a conta já *está paga*!

(5.2) Jorge, não tem que se preocupar com o imposto porque a conta já *stá paga*!

(5.3) Jorge, não tem que se preocupar com o imposto porque a conta já *tá paga*!

(5.4) Jorge, não tem que se preocupar com o imposto porque a conta já *tapaga*!

Tomando como exemplos as sentenças acima, pode-se fazer algumas considerações sobre o processo de gramaticalização a que se encaminham as formações perifrásticas constituídas do verbo *estar* + particípio verbal.

Em (51) observa-se que o verbo *estar*, como auxiliar na formação da perífrase, apresenta-se morfológica e fonologicamente inalterado, entretanto, em (5.2), (5.3) e (5.4) é possível acompanhar um processo gradativo de redução do auxiliar.

A redução fonológica apresentada em (5.2), marcada pela omissão da vogal “e”, precede o processo de redução fonológica e morfológica apresentado em (5.3), em que o auxiliar, antes dissílabo, transforma-se em monossílabo tônico.

A análise do exemplo (5.4) também nos apresenta o auxiliar em forma reduzida, no entanto a diferença (5.3) e (5.4) encontra-se na tonicidade do monossílabo auxiliar. Se em (5.3) é apresentada uma formação em que encontramos duas palavras fonológicas, a perda da tonicidade do auxiliar reduzido – marcada pela ausência do acento agudo – nos apresenta uma única palavra fonológica, paroxítona formada por *ta* átono, *pa* tônico e *ga* átono : “*tapago*”

É interessante o parâmetro que obtemos ao contrastar a formação perifrástica *estar+particípio* com outras formações. Observem-se alguns exemplos de orações com uso de perífrases verbais formadas por auxiliar (excetuando o *estar*) + particípio verbal também retiradas do português brasileiro.

- (6) Maria diz *ter vencido* o câncer.
- (7) Gabriel admitiu já *ter usado* maconha.
- (8) Pesa sobre a seleção o fato de não *haver vencido* nenhum jogo no último mês.
- (9) Já foi solicitado à cônjuge que assine o divórcio.

Nos exemplos anteriores, não observamos traço aparente de redução/erosão fonológica ou morfológica do verbo auxiliar. Caso tentássemos demonstrar algum hipotético traço de erosão, teríamos frases agramaticais. Para comprovar, observe-se o que aconteceria com (8) caso tentássemos demonstrar o mesmo processo observado em (5). Teríamos algo parecido com: *haver vencido* → **aver vencido* (em que haveria um apagamento gráfico) → ****ver** vencido* (em que o auxiliar ainda manteria sua tonicidade, no entanto já teria sofrido reduções fonéticas e morfológicas) → **vervencido* (em que o auxiliar se tornaria átono).

Entretanto, ao observarmos a utilização das perífrases verbais com particípio e o auxiliar *estar*, encontramos inúmeros bons exemplos do processo de redução, no cotidiano do português falado no Brasil, observe:

- (10) “Você não vai sair e *está encerrado*”.
 - (10.1) “Você não vai sair e *stá encerrado*”.
 - (10.2) “Você não vai sair e *tá encerrado*”.
- (11) “Infelizmente, o aluno *está reprovado*”.
 - (11.1) “Infelizmente, o aluno *stá reprovado*”.
 - (11.2) “Infelizmente, o aluno *tá reprovado*”.
- (12) “O meu dever de casa já *está feito*”.
 - (12.1) “O meu dever de casa já *stá feito*”.
 - (12.2) “O meu dever de casa já *tá feito*”.
 - (12.3) “O meu dever de casa já *ta feito*”
 - (12.4) “O meu dever de casa já *tafeito*”

É interessante observar que o auxiliar *estar* não apresenta o mesmo processo de redução/erosão junto a todos os participípios. Em qualquer um desses exemplos acima é possível constatar o processo de erosão/redução. No entanto, em (10) e (11) o auxiliar sofre desgastes fonológicos e morfológicos, mas segue acentuado conservando sua tonicidade original, o que impossibilita a formação de um todo indivisível entre auxiliar reduzido e verbo.

Cabe agora um destaque ao exemplo (12), em que o processo de redução do auxiliar se apresenta da mesma maneira que na formação da perífrase *está pago*, ou seja, houve, primeiramente, uma redução fonológica (12.1), em seguida, uma redução fonológica e morfológica (12.2) e a manutenção da tonicidade original do auxiliar. Em (12.3) observamos a mutação da sílaba tônica para átona e em (12.4) a formação de uma única palavra fonética “*tafeito*”, que, quanto à tonicidade, poderíamos classificar como paroxítona.

O processo observado em (12) também acontece quando utilizamos como exemplo os participípios verbais *morto*, *posto*, *dado*, caracteristicamente participípios dissílabos, mas não ocorre o mesmo quando usamos participípios trissílabos ou polissílabos como *construído*, *apertado*, *amuado*, *casado*, entre outros.

Falando a respeito da *paradigmaticidade*, descrita pelo autor, constata-se que o verbo *estar* passou a fazer parte de uma subcategoria a que podemos denominar, por exemplo, como “paradigma dos auxiliares das formas nominais”.

É bastante evidente que o verbo *estar* não constitui esse paradigma sozinho, junto a ele se encontram todos os demais verbos auxiliares que também passaram ou estão passando, independente do grau menos ou mais avançado, pelo processo de gramaticalização.

Lehmann fala, ainda, a respeito da *variabilidade paradigmática*, e, em relação a ela pode-se dizer que existem outros verbos a serem selecionados pelo usuário da língua em substituição ao *estar* na formação de perífrase com o participípio. No entanto, para expressar uma ação concluída sem, todavia, expressar o tempo da ação verbal, o uso do *estar* tem sido preferido e pode vir a se tornar uma obrigatoriedade para tal expressão.

Para Lehman, o escopo do verbo tende a se condensar a medida que o processo de gramaticalização avança. Estudos diacrônicos desenvolvidos por Mendes (1996) mostram que o escopo do verbo *estar* tem se modificado e há indícios de que, num ponto futuro em sua diacronia, o escopo do verbo *estar* deverá se reduzir a forma nominal que o acompanha.

Assim teríamos em (13) o escopo atual do verbo *estar* e em (14) a tendência do novo escopo.

(13) Nesse horário, os bares *estão sempre fechados*.

(14) Nesse horário, os bares sempre *estão fechados*.

No que diz respeito à *conexidade*, com o avanço do processo de gramaticalização, o verbo auxiliar *estar* tende a se mostrar cada vez mais ligado à forma nominal que acompanha. Assim, em (15), (15.1) e (15.2), teríamos uma frase gramatical, o que não ocorre em (15.3).

(15) O carro *não está parado*.

(15.1) O carro *não tá parado*.

(15.2) O carro *não taparado*.

(15.3) * O carro *está não parado*.

A *variabilidade sintagmática* descrita por Lehmann está diretamente relacionada ao

escopo e à *conexidade*. Uma vez que o processo de gramaticalização avance e reduza o escopo do auxiliar *estar* e o torne cada vez mais dependentemente ligado à forma nominal que o acompanha, haverá menor possibilidade de inserir entre o auxiliar e a forma nominal, adjuntos adverbiais ou locativos, reduzindo a *variabilidade sintagmática*.

4. Princípios de Hopper X verbo *estar*+particípio

Hopper (1991), ao analisar os princípios de Lehmann (1982), afirma que eles são de extrema valia, no entanto, não são aplicáveis às formas que se encontrem no início de um processo de gramaticalização, mas apenas aos processos já adiantados. Assim, para analisar as formas não contempladas por Lehmann, Hopper propõe cinco princípios: *divergência*, *especificação*, *persistência* e *decatégorização*.

De acordo com o primeiro princípio, quando ocorre o processo de gramaticalização, novas formas surgem dentro do sistema lingüístico e coexistem com as formas antigas, interagindo com elas, uma vez que as formas originais não desaparecem imediatamente do sistema. O princípio da divergência aponta que também há uma coexistência entre as formas novas e as originais. No entanto, a forma lexical original é um elemento autônomo, suscetível as mesmas mudanças que qualquer outro elemento.

O princípio da especificação rege que, quando acontece o processo de gramaticalização, a variedade de escolhas diminui e as formas selecionadas assumem uma dimensão maior e mais abrangente no que se refere ao seu significado.

A persistência, segundo Hopper (1991), ocorre quando a nova forma permanece com traços do significado da forma original. Considerando-se o princípio da decategorização, a forma gramaticalizada perde características da classe a que pertencia e passa a assumir atributos das categorias secundárias

No que diz respeito à *estratificação*, é possível valer-se das palavras de Castilho (1996) para afirmar que a perífrase verbal formada por *estar* + *particípio*, convive com outras “*soluções gramaticais distintas num mesmo recorte sincrônico*”, o que constitui, segundo os autores, uma grande evidência do processo de gramaticalização.

A *divergência*, citada por Hopper, também aponta para um processo de gramaticalização bastante consolidado do verbo *estar*, já que coexistem formas de etimologia comum, no entanto, que divergem funcionalmente. Para exemplificar tal conceito, basta observar a existência paralelamente do verbo *estar* como auxiliar, seja em sua forma normal, seja em sua forma reduzida, com o verbo *estar*, como cópula e como verbo intransitivo seguido de locativo.

Hopper também propõe como um de seus princípios a *estratificação*. Para esse princípio, Castilho (1996) faz a seguinte descrição “*o processo de gramaticalização estreita a variedade de escolhas formais e um número menor de formas selecionadas assume significado semântico mais geral.*” (p.23)

5. Análise e pareceres

Analisando os dados obtidos à luz das teorias da gramaticalização, observou-se, ao longo deste breve estudo, que o verbo *estar* quando ocupada a função de auxiliar nas formações de perífrases verbais com participios verbais, não apresenta as marcas sintáticas e semânticas próprias dos verbos plenos, por exemplo, não mais subcategoriza um elemento interno.

Bastante interessante, aqui, é destacar os sinais indicativos de gramaticalização obtidos quando os conceitos propostos nesta análise foram aplicadas ao objeto de estudo.

Observando os exemplos já citados, considerando outros inúmeros exemplos encontrados na no uso cotidiano do português brasileiro, e de posse da informação de que o verbo *estar*, antes tido unicamente como verbo pleno, hoje é participante ativo na formação de diversos tipos de construção perifrástica, entre eles a que se tornou objeto de estudo desta pesquisa, é possível postular que houve um decréscimo de categoria na passagem do verbo pleno *estar* para o verbo auxiliar *estar*, implicando em perda de marca de categorialidade por um lado e autonomia, por outro.

Imprescindível dizer que tanto Hopper quanto Lehman apresentam parâmetros para medir o grau de gramaticalização de um determinado item lexical, no entanto, para exemplificar cada parâmetro, eles utilizaram de exemplos distintos, não deixando claro quantos dos citados parâmetros devem ser positivos para que um determinado item seja considerado mais ou menos avançado no processo de gramaticalização. Assim, é possível acreditar que caso um item comprovadamente em processo de gramaticalização não se enquadre em um ou outro parâmetro postulado por eles, não se pode dizer que tal processo deva ser questionado.

Os parâmetros tanto de Lehman quanto de Hopper foram utilizados neste estudo mais para descrever os fatos relativos ao processo pelo qual demonstram estar passando as perífrases formadas por *estar* + particípio, que para mensurar o grau de gramaticalização por que estão passando.

6. Conclusão

O levantamento bibliográfico e a análise dos dados obtidos propiciaram estudos e reflexões bastante interessantes a respeito do verbo *estar* + particípio, bem como um melhor conhecimento das teorias que regem o processo de gramaticalização que, apesar de muitas e divergentes entre si em alguns aspectos, podem se somar na comprovação ou negação de um processo de gramaticalização.

A respeito da gramaticalização, optou-se por dois teóricos: Lehmann (1982) e Hopper (1993) as teorias e postulações de ambos forneceram suporte para o encaminhamento deste estudo, sendo, então, apesar da quantidade reduzida de *corpus*, chegar à comprovação da hipótese inicial de que o verbo *estar* se apresenta em pleno processo de gramaticalização, quando em formação perifrástica com um particípio verbal. É interessante ressaltar que o verbo *estar* já usado exclusivamente como um verbo pleno, no entanto, hoje, coexiste em diversos tipos de construção.

De posse de argumentos bastante concretos de que a hipótese-inicial pode ser reafirmada, surgiram outros novos questionamentos e hipóteses que por hora não puderam ser desenvolvidos e respondidos nesta análise, contudo, tais fatos não serão descartados, mas retomados para possíveis estudos posteriores em que a análise e contraposição de dados serão feitas de maneira mais detalhada.

Referências

- BRAGA, M. L. (1994) *A dimensão dos constituintes no português do Brasil*. Tempo Brasileiro 117:17-26
- CASTILHO, A.T. de; MORAES de CASTILHO, C. M. O aspecto verbal no português falado. In: *VIII Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado*. Campos do Jordão. 1994. (Mimeo)



Anais do IX Encontro do CELSUL
Palhoça, SC, out. 2010
Universidade do Sul de Santa Catarina

HOPPER, P J. (1991) “*On some principles of grammaticization*”. In:
TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume I,
Philadelphia, John Benjamins Company
LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization. A programmatic sketch*. Koln
Arbeiten des Kolner Universalien- Projekts, Vol I, 1982